



# Creches se qualificam como espaços educacionais

Foi-se o tempo em que a creche era estigmatizada como o lugar onde mães “sem coração” deixavam suas crianças para que pudessem trabalhar. Este conceito está mudando e a creche vai se consolidando como um espaço educacional ocupado por profissionais especializados e dispostos a se qualificar cada vez mais para oferecer um bom atendimento. A pedagoga Márcia Pinheiro valeu-se da experiência de mais de 15 anos no Sistema Educativo da Unicamp para elaborar um estudo sobre a prática cotidiana da educação infantil na visão das educadoras. Ela

**Atendimento aos bebês de mães ‘sem coração’ é aprimorado**

observa que atualmente as atividades são aprendidas por lei e reconhecidas tanto pela academia como pela sociedade. “Não causa mais estranheza a mãe

deixar o filho na creche”, afirma. A dissertação de mestrado “A formação profissional na prática cotidiana: o que nos contam as educadoras” teve a orientação da professora Ana Lúcia Guedes Pinto e foi apresentada na Faculdade de Educação. Márcia Pinheiro compara o trabalho desenvolvido na Creche da Área de Saúde da Unicamp, onde atua como pedagoga, e de outra creche da cidade que atende a mesma faixa etária. A pesquisa pauta-se em relatos orais de educadoras e mães, e não visou comparar a qualidade do atendimento em cada creche, mas sim apontar as diferenças e indicar possíveis melhoras das práticas educativas. Parte do trabalho já foi publicado na revista *Margens*, do Núcleo de Pesquisa da Universidade Federal do Pará, e futuramente todo o conteúdo será transformado em livro.

Márcia Pinheiro explica que a partir da convivência das crianças é possível transmitir conceitos e



A pedagoga Márcia Pinheiro, que terá a dissertação transformada em livro: “Não causa mais estranheza a mãe deixar o filho na creche”

promover um aprendizado. A piscina, por exemplo, proporciona o contato entre bebês de diferentes etnias, o que dificilmente ocorreria em casa. Elementos como a água e a terra fazem parte das brincadeiras e trazem implícitos regras e conceitos que aos olhos do adulto podem parecer banais, mas que para a criança são fundamentais. Na opinião da pedagoga, existem dois aspectos que são o cuidado e a educação. “Toda pessoa precisa de cuidado. É um sentido amplo. Muitos associam o cuidado na infância apenas à troca de fraldas e hábitos de higiene e refeição”, explica. Nesse sentido, ela propõe a leitura da criança em sua especificidade. Ao procurar outro referencial

para sua pesquisa, Márcia acredita ter dado um salto qualitativo, além de propiciar uma parceria que promete ser duradoura. “Não queria minha pesquisa focada apenas na Creche da Área de Saúde. Existe uma troca de experiências muito boa com a outra creche. Já foram oferecidas palestras de profissionais da Unicamp e vice-versa”, afirma. Assim, educadoras da creche da cidade vêm participando de palestras e oficinas, enquanto a creche na Universidade procura dar maior visibilidade ao trabalho com as crianças. “Estamos preparando um CD com fotos e aprimorando o caderno de recados contendo uma descrição sucinta das atividades educacionais”.

Fotos: Antoninho Perri

## Usuários revelam desinteresse pelo som ‘internético’

Osom ainda não encontrou o seu espaço na Internet, sendo utilizado praticamente como enfeite, sem interagir com o contexto da página. Quem já não desistiu de entrar em um site por conta dos programas pesados de áudio que mais atrapalham do que ajudam na navegação? A publicitária Daniela Carvalho Monteiro Ferreira conseguiu uma resposta a esta pergunta, através de entrevistas com dois grupos de usuários – mais e menos experientes. Também analisou diversas páginas que recorrem a esse tipo

de tecnologia, constatando que ainda não existe uma estética do som na Internet. “O problema não é exatamente a tecnologia, mas o mau uso que se faz dela”, pondera. Em muitos casos, a publicitária observou que o som surge aleatoriamente e sem critérios para provocar uma reação do usuário.

“O som internético: a evolução, a situação e a estética sonora na Internet” é o título da dissertação de mestrado que Daniela Ferreira, sob orientação do professor José Eduardo Ribeiro de Paiva, apresentou no Instituto de Artes. Pesquisadora comprovou o caráter inédito de seu trabalho – mesmo porque o uso da tecnologia é recente – na inexistência de referências quanto à sua aplicação. “A tendência é adaptar o que se faz no rádio, em televisão ou nos games. Não há um modelo a seguir e isso dificulta a inserção do som com qualidade”, argumenta.

Uma justificativa apontada por Daniela é o fato de a Internet ser mais visual do que sonora. Mesmo nas respostas dos entrevistados, a preferência é por textos, imagens e animação, enquanto o som aparece sempre em segundo plano, sem conseguir envolver o usuário. Na televisão, ao contrário, é impossível dissociar a imagem do som, devido à própria concepção do veículo.

“Suponho que na Internet, por ser um meio não-linear, o hipertexto ocupou o papel que caberia ao áudio. Por isso, o design visual e o design sonoro não se desenvolveram esteticamente com a mesma agilidade”, acredita. Outra questão levantada a partir das entrevistas é do som considerado como elemento supérfluo. “O usuário troca o monitor, mas dificilmente compra uma caixa mais potente ou se preocupa em empregar recursos que potencializem o som”.

Segundo Daniela Ferreira, o panorama pode mudar com o aumento da velocidade da rede. Ela espera comprovar esta hipótese em futuro trabalho de doutorado, estudando a função do áudio em sites bem trabalhados tanto no aspecto contextual como interativo. “Cada vez mais são desenvolvidos algoritmos de compressão do áudio, o que reduz o tamanho do arquivo e permite melhor qualidade. Mas é necessário descobrir como o som deve ser utilizado na Internet para provocar reações e despertar emoções”.

## Idosos são negligentes com o ajuste de próteses

A dentista Gesiamy Francisco de Oliveira recomenda que os usuários de próteses removíveis realizem exames periódicos anuais. Geralmente, os idosos utilizam a prótese por 10 ou 15 anos, sem sequer comparecer a uma consulta para avaliar a estabilidade do aparelho. Segundo ela, a percepção do usuário de que a dentadura está perfeita pode não corresponder à avaliação clínica do dentista. Nesse sentido, Gesiamy desenvolveu pesquisa junto a uma instituição para idosos de Piracicaba, aplicando questionários e exames clínicos em 40 internos entre 65 e 85 anos de idade. A dissertação foi apresentada na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), da Unicamp, sob orientação do professor Eduardo Hebling

A dentista concluiu que, na maioria dos casos, houve diferença significativa entre as respostas dos idosos e o exame feito por ela. “Eles respondiam no questionário que a prótese estava boa, mas na avaliação clínica percebia-se que havia problemas de estabilidade e retenção”, explica. Segundo Gesiamy de Oliveira, é importante apurar esta autopercepção do idoso, que está relacionada com sua postura de não comparecer ao dentista. Ela alerta para as consequências de uma prótese desajustada à qualidade de vida, por conta dos incômodos para falar e para mastigar alimentos. Os idosos da pesquisa eram todos de baixa renda, ganhando entre zero e 1 salário mínimo.

## Sedentários de meia idade passam por treinamento

Estimular a atividade física junto a pessoas de meia idade, a partir da efetiva percepção dos seus benefícios à saúde e da consequente melhora na qualidade de vida, foi o objetivo da pesquisa de mestrado em educação física de Luane Margarete Zanchetta. Ela reuniu homens e mulheres que não praticavam exercícios físicos, na faixa de 40 a 60 anos, submetendo-os a um treinamento de três meses. Os principais resultados apontados pelos voluntários foram a oportunidade de lazer, o aumento da capacidade de trabalho e a maior satisfação no desempenho de tarefas diárias. “O indivíduo percebe a melhora e isso serve de estímulo para que desenvolva a prática por prazer e não por obrigação”, observa.

Segundo Luane Zanchetta, os estudos existentes focam primordialmente o estímulo da prática na terceira idade, ou seja, depois de instaladas as doenças crônicas como diabetes, hipertensão e obesidade. Como a prevalência dessas doenças ocorre a partir da meia idade, a pesquisadora quis suprir esta lacuna na literatura, abordando a percepção que indivíduos dessa faixa etária têm da atividade física. “Na fase adulta do ciclo vital inicia-se um declínio fisiológico global e a prática de exercícios físicos regulares pode amenizar as consequências desse declínio. É um fator de proteção para inúmeras doenças, principalmente aquelas relacionadas com o sistema cardio-respiratório”, afirma.

A dissertação intitulada “Avaliação subjetiva da qualidade de vida em indivíduos de meia idade submetidos a treinamento físico” foi orientada pela professora Vera Aparecida Madruga Forti. Luane informa que muitos estudos tratam da prática da atividade física, mas raramente enfatizam a percepção de sua relação com a qualidade de vida. A pesquisadora acredita que seu trabalho poderá contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas que contemplem o oferecimento de informações e de oportunidades para a prática de exercícios físicos. “O ideal seria aumentar a oferta de oportunidades. Percebe-se que o indivíduo sabe da importância, mas não encontra informação nem acesso à



Luane Margarete Zanchetta, autora do estudo: “Percepção da melhora na saúde leva à prática de exercícios por prazer e não por obrigação”

prática, o que poderia ser oferecido na rede básica de saúde”, sugere a pesquisadora. Ela lembra a existência de estimativas sobre o alto custo das doenças ligadas ao sedentarismo na população com mais de 60 anos, em comparação ao investimento necessário para oferecer atividades físicas na meia idade, antes de a doença se instalar.

Luane Zanchetta adverte, porém, que recomendações médicas não bastam, sendo necessário o acompanhamento de um profissional de educação física. “Muitos médicos recomendam a caminhada diária, mas sem uma programação de exercícios específicos para o problema que a pessoa apresenta”, observa. A pesquisadora defende inclusive o oferecimento de cursos de capacitação sobre o tema para profissionais da saúde.



A publicitária Daniela Ferreira: “O usuário troca o monitor, mas não a caixa de som”